

Capitão Nestor Borba e o relato de uma viagem pelo interior do Paraná (1897)

Capitan Nestor Borba and the report of a trip through Paraná countryside (1897)

Tayná Gruber<sup>1</sup>

Alessandra Izabel de Carvalho<sup>2</sup>



**Resumo:** O termo viajante aparece, nos dicionários em geral, como a denominação atribuída simplesmente àquelas pessoas que viajam. Porém, assim como cada jornada possui suas singularidades, cada viajante locomove-se de um lugar a outro com objetivos, aspirações e percepções distintas. Neste artigo, buscamos analisar como os fatores bióticos e abióticos de parte das matas paranaenses foram descritas por Nestor Borba, um capitão brasileiro e morador do Paraná que em sua obra “*Descrição ao Salto da Guayra ou Sete Quedas pelo Capitão Nestor Borba – 1897*” relata percepções, sentimentos e sensações que obteve ao entrar em contato com diferentes animais, vegetações, lugares e caminhos do estado. O estudo desse material visou contribuir para as discussões sobre como o mundo biofísico brasileiro era redigido por literatos nacionais do período, pautando-se no mundo sensível presente nestes escritos, com ênfase nas percepções sensoriais. Nesse sentido, propõe-se uma análise focalizada nas relações entre o ser-humano e o ambiente, estabelecendo como base teórico-metodológica os preceitos definidos por pensadores da História ambiental.

**Palavras-chave:** Viajantes brasileiros; História do Paraná; Nestor Borba; História ambiental.

**Abstract:** The term traveler appears, in the dictionaries in general, as the denomination attributed simply to those people who travel. But as every journey possesses its singularities, each traveler moves from one place to another with different goals, aspirations, and perceptions. In this article, we analyze how the biotic and abiotic factors of Paraná forests were described by Nestor Borba, a Brazilian captain and resident in Paraná, who in his work “*Description of the Salto da Guayra or Seven Falls by Captain Nestor Borba - 1897*” relates perceptions, feelings and sensations that he got when he came in contact with different animals, vegetation, places and paths of the state. The study of this material aimed to contribute to the discussions about how the Brazilian biophysical world was described by national writers of



the period, based on the sensible world present in these writings, with an emphasis on sensory perceptions. Therefore proposes an analysis focused on the relations between the human being and the environment, establishing as a theoretical-methodological basis the precepts defined by thinkers of environmental history. **Keywords:** Brazilian travelers; history of Paraná; Nestor Borba; Environmental history.

Tayná Gruber / Alessandra Izabel de Carvalho  
Capitão Nestor Borba e o relato de uma viagem  
pelo interior do Paraná (1897)



## Introdução

Tratar do Paraná na passagem do século XIX para o século XX é versar sobre um ideal republicano de progresso que atingia, em diferentes proporções e modos, o território nacional. Como em outros países à época considerados zonas periféricas, o Brasil sonhava em atingir os padrões da revolução científico-tecnológica de nações como Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos. Segundo Fernanda Cruzetta (2010), o país não possuía um aparato tecnológico e econômico para produzir uma revolução industrial aos moldes europeu e norte-americano, por isso, tentaram criar condições e assimilar leis e hábitos para modernizar-se. Entre as atitudes tomadas, a autora elenca “a adoção de práticas econômicas liberais, a abolição do trabalho escravo, a imposição de padrões higienistas e educacionais inspirados em modelos europeus” (CRUZETTA, 2010, p. 6). Pode-se ainda incluir, segundo Cruzetta (2010, p. 6-7) no conjunto de ações modernizantes a Proclamação da República, as implantações e expansões das estradas de ferro, a ampliação de redes de cabos telegráficos, a urbanização crescente, a migração, a exploração de novas fontes de energia e o desenvolvimento das indústrias de bens de capital.

Com vistas ao ideal de progresso, o Paraná contribuía primordialmente com o cultivo de erva mate, a extração de madeira e a produção de gado. No final do século XIX e início do século XX surgem na região às linhas férreas, modificando todo o fluxo de matérias-primas, de transporte de mueres, de trânsito de pessoas, assim como a paisagem. Se o Brasil passava a ter o que Sússekind define como “paisagem tecno-industrial em formação” (SÜSSEKIND, 1987, p. 23), significa que uma configuração anterior, ainda marcada pela presença efetiva da natureza, estava sendo reiteradamente alterada.

É válido salientar que as relações com o mundo natural nos séculos XIX e XX no Brasil não eram homogêneas. Desde o final do século XVIII, segundo Pádua, grupos de estudantes brasileiros ligados à Universidade de Coimbra já iniciavam reflexões sistemáticas sobre o uso das florestas no Brasil. Entre os que escreviam sobre o tema, o autor salienta as discussões oriundas dentro do grupo de José Vieira Couto, que “começou a formular uma série de críticas bastante duras ao caráter rudimentar e ambientalmente destrutivo da economia colonial” (PÁDUA, 2004, p. 17), embasadas em um Iluminismo Luso-Brasileiro, ou seja, críticas que não defendiam a natureza por seu valor estético ou espiritual, mas sim por seu valor político e econômico. Ainda segundo Pádua (2004), as discussões se desdobraram tanto para o século XIX quanto para o



XX, sendo reforçadas por novas perspectivas e questões mais contemporâneas. Apesar do debate, foi apenas em 1934 que o Brasil teve sua primeira lei florestal abrangente e tal demora se deu, entre outros fatores, devido ao mito da natureza inesgotável que favorecia o uso incauto da floresta.

Levando em consideração a gradual perda desse grande mosaico vegetal, e visando contribuir com as discussões das relações entre humanos e não-humanos em diferentes espaços através do tempo, nos propomos a analisar o relato de Nestor Borba. Um viajante brasileiro e morador do Paraná do fim do século XIX, que relatou em 1897, na sua obra “Descrição ao Salto da Guayra ou Sete Quedas pelo Capitão Nestor Borba” (BERBERI; DENIPOTI, 1999) diferentes percepções, sentimentos e sensações que obteve ao entrar em contato com diferentes animais, vegetações, lugares e caminhos do estado do Paraná.

### O capitão escritor

Nestor Augusto de Moricenes Borba era filho de Vicente Antonio Rodrigues, um militar e ex-combatente da guerra da Cisplatina, e da uruguaia Joana Hilária Morosini. Nestor nasceu em Curitiba, mas passou a infância no litoral paranaense (VANALI, 2015). A mudança de cidade teria se dado porque, no final da década de 1850, havia uma ameaça de epidemia de cólera na região e, em busca de maior salubridade, o seu pai decidiu enviar sua família para o litoral.

Aos 18 anos Nestor Borba foi nomeado alferes de polícia em Curitiba e atuava como policial nos Campos de Guarapuava, sua principal função neste cargo era “garantir a segurança daquela região e estabelecer alguma relação com a população indígena” (SECARIOLO, 2010, p. 32).

Em 1864 com o início da Guerra do Paraguai, começou a atuar no estabelecimento da unidade militar na vila da Guarapuava. No ano seguinte seguiu como voluntário para a guerra, mas pouco tempo após sua chegada, fica ferido e precisa voltar (VANALI, 2015, p. 299).

Em 1867 casa com Adelaide, filha de Cândido Martins Lopes proprietário do jornal *Dezenove de Dezembro*, o primeiro jornal da Província do Paraná (SECARIOLO, 2010, p. 33). O periódico que circulou do ano de 1854 a 1890 e cujas edições eram publicadas semanalmente à quarta-feira e sábado, tinha como função principal informar seus leitores sobre os atos administrativos da Província.

Apesar do parentesco, não foi identificado neste jornal nenhum escrito direto de Nestor Borba, mas na edição de 8 de março de 1876, aparece a seguinte nota:



“deixamos de publicar hoje um artigo que foi-nos remetido de S. José, sobre o conflito do Fula, e um outro sobre a viagem que nosso amigo Nestor Borba fez às Sete Quedas, ambos por falta de espaço”(DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1876, p. 4) Nas edições posteriores, no entanto, não foi encontrado tal artigo.

Nestor Borba tinha como irmãos Telemáco e Jocelim Borba. O trabalho dos seus dois irmãos não diferia tanto do seu, enquanto ele atuava nos campos de Guarapuava, Telêmaco fazia fama no cargo de administrador do aldeamento indígena de São Pedro de Alcântara e Jocelim no Aldeamento de Paranapanema.

Dos três, Telêmaco foi o que alcançou maior notoriedade, isso porque o aldeamento situado às margens do rio Tibagi onde administrava as questões entre brancos e indígenas, ficava próximo à Colônia Militar de Jataí que, por sua vez, desempenhava um papel essencial para a província do Paraná: a de proteger a região de possíveis invasões estrangeiras. Sendo assim, Telêmaco precisava garantir o menor número de conflitos internos para que a Colônia Militar de Jataí pudesse se ocupar dos conflitos externos, como as disputas de fronteiras.

De acordo com Vanali, a forma que Telêmaco usava para “controlar” os conflitos era através do processo de catequização e domesticação dos indígenas Kayovás e Kaingangs presentes no aldeamento. E domesticar no contexto “consistia em adquirir costumes «mais civilizados», acabar com o nomadismo, cultivar a terra, seguir as regras da vida civilizada, andar vestido e imitar os costumes dos não índios” (VANALI, 2015, p. 277). Além disso, tal “domesticação” estava ligada a uma política de expropriação:

É possível afirmar que a política de aldeamento indígena estava ligada à política de apropriação das terras indígenas, sendo que cada pessoa que atuava nos aldeamentos indígenas a mando do governo, recebia como recompensa um quinhão de terra em outro aldeamento (SECARIOLO, 2010, p. 34).

Sendo assim, além de prestar um serviço de cerceamento e domesticação dos povoados indígenas, tanto Telêmaco quanto Nestor e Jocelim enriqueciam e ganhavam prestígio na elite da província com esse trabalho. Telêmaco desenvolveu ainda, a partir de 1880, uma carreira política, elegendo-se deputado provincial por nove legislaturas, foi vice-presidente da Província do Paraná e prefeito de Tibagi por nove gestões, além de inúmeros outros cargos do Executivo, ligados à educação e segurança pública; e durante a Revolução



Federalista lutou contra as tropas legalistas de Floriano Peixoto (VANALI, 2015, p. 297–298). Mas nos anos anteriores, enquanto ainda atuava no cargo de administrador, acompanhou o irmão Nestor na viagem que analisaremos pelos rios do norte e oeste do Paraná.<sup>3</sup>

A viagem em questão foi feita na sua maior parte em canoas, se iniciou no dia 04 de dezembro de 1875 em Curitiba, e tinha como ponto de chegada e análise as porções norte e oeste do Paraná. Não foi, no entanto, uma viagem pioneira. Essa região já era explorada não só por seus habitantes nativos como por espanhóis, jesuítas, portugueses etc.<sup>4</sup> O próprio Nestor ao iniciar seu relato menciona que tinha conhecimento e leitura de outros viajantes de períodos anteriores:

Há muito tempo que nutriamos desejos de visitar a catarata das Sete Quedas, ou Salto de Guayra, que conhecíamos unicamente pelas descrições feitas, no século passado, por Azara e pelos comissários portugueses, demarcadores dos limites entre o Brasil e as possessões espanholas; mas que, por incompletas, não satisfaziam nossa curiosidade. (BERBERI; DENIPOTI, 1999, p. 21)

Félix de Azara, mencionado por Borba, foi um militar, engenheiro, cartógrafo e naturalista espanhol. Viajou pela América meridional em 1781, encarregado de delimitar com precisão as fronteiras entre Espanha e Portugal. Tal missão era para durar apenas alguns meses, mas se prolongou por 20 anos. Durante esse período Azara coletou “diversos tipos de informações, sobre a geografia, a fauna, a flora e as práticas cotidianas” (MILECHNETO, 2015, p. 11). Reconhecido por desmistificar teses como as do Conde de Buffon,<sup>5</sup> teve diversos de seus escritos publicados, sendo um dos principais financiadores dessas publicações o seu irmão Nicolás de Azara, que era, no período, embaixador da Espanha. Suas obras tiveram impacto, tanto na Europa, quanto na América. Em vida teve diversas biografias suas escritas, além de ter um retrato seu pintado por Francisco de Goya. Ainda sobre as influências de Azara:

A obra de Azara teve influência direta em Mariano Moreno (1778-1811), que era jornalista em Buenos Aires e possivelmente o conheceu. Moreno utilizou os textos do naturalista e publicou parte deles na Gazeta, além de ter se inspirado na política de defesa das fronteiras, que pregava o militar, para compor o seu texto denominado como Plan de operaciones. Ainda sobre a influência direta que os escritos de Azara tiveram na região que





percorreu, podemos lembrar que o ditador paraguaio José Gaspar Rodríguez de Francia (1766- 1840) fez uso da obra de Félix sobre o Paraguai, uma cópia do Descripción e historia del paraguay y del rio de la Plata, e do mapa que o aragonês realizou, já que era o mais completo mapa da província até então (MILECH NETO, 2015, p. 106).

Nas Sete Quedas, Azara faz descrições de distância entre as cascatas, da vegetação ao redor, do barulho das águas, da fauna, da flora e de outras características comuns tanto aos seus escritos, quanto aos demais escritos de naturalistas no período. Porém, para Nestor Borba as informações não eram insuficientes apenas pela distância temporal de mais de um século entre ele e Azara, mas devido a um segundo objetivo da sua própria viagem.

Os irmãos Borba viajaram com o auxílio financeiro e estratégico do Governo Provincial do Paraná. Isso porque a viagem fazia parte de um projeto comandado por Adolpho Lamenha Lins – então presidente da província – com o setor de estradas do Mato Grosso para analisar a possibilidade da implantação de uma estrada de ferro que ligasse Curitiba a Miranda. Nas palavras de Nestor Borba:

Communicando esse projecto ao Exm. Sr. Dr. Adolpho Lamenha Lins, presidente da provincia e Dr. Tourinho, director da estrada de Matto-Grosso, ambos, que seja-nos licito confessar com prazer, tomam mais interesse pelo desenvolvimento e prosperidade desta provincia, do que a mór parte de seus filhos, animaram-nos a levar por diante esta tentativa, dando-lhe importancia, que nós não lhe ligavamos, pois que, diziam, tratava-se de verificar a possibilidade de construir uma ponte sobre aquelle Salto, uma das idéas capitaes da memoria do Dr. Tourinho sobre a via-ferrea para Matto-Grosso, prolongando-se através do Paraguay e Bolivia (BORBA apud BERBERI; DENIPOTI, 1999, p. 21).

Além da possibilidade da criação da ponte entre as duas províncias, como referido por Borba, ainda avaliariam a viabilidade de construir uma ponte sobre as quedas na região da atual cidade de Guairá. De acordo com Miskiw, “a euforia da cidade vivida pelos curitibanos com os trabalhos de edificação da estrada de ferro ligando Paranaguá a Curitiba, fazia Lamenha Lins crer que ao chegar a Guarapuava, os trilhos trariam ares de cidade moderna” (MISKIW, 2009, p. 85).

Nestor Borba iniciou a sua viagem sozinho partindo de Curitiba e levando





consigo um pantômetro<sup>6</sup> para levantamento de dados sobre a flora e uma câmara escura para tirar fotos, ou como o mesmo descreve “para tirar vistas” (BERBERI; DENIPOTI, 1999, p. 22). Onze dias depois chega à Colônia de Jataí, onde se encontrou com Telêmaco que, de acordo com Nestor, “abraçou-o com verdadeiro entusiasmo, pondo á nossa disposição suas canoas e tudo quanto pudesse mais prestar-nos” (BERBERI; DENIPOTI, 1999, p. 22). Mas o percurso não foi feito apenas pelos dois, como conta Nestor:

Organisada a mesma expedição, que ficou composta de uma canôa grande, carregada de mantimentos, e de uma menor para caça, tripulada por dez camaradas, sendo dous brasileiros e oito indivíduos Cayguás e Guaranyes e mais dous coroados para nos servirem de interpretes com os do Paqueré. (BERBERI; DENIPOTI, 1999, p. 22).

No dia primeiro de janeiro de 1876, às oito horas da manhã, a comitiva parte, dando início à jornada. O primeiro rio que percorreram foi o Tibagi, seguindo

Mapa 1 - Trajeto aproximado de Nestor Borba



pelo rio Paranapanema, e depois pelo rio Paraná, até chegar às Sete Quedas. O trajeto durou ao todo 45 dias.

Abaixo, no mapa 2, foi projetado de forma aproximada o trajeto feito por Nestor Borba. O mapa é de 1896 e não faz parte do relato original. Foi confeccionado pela Secretária de Obras Públicas e Colonização do Estado por ordem do então governador José Pereira Santos Andrade.<sup>7</sup>

A viagem se deu durante a estação do verão, que no Paraná é marcada por chuvas intensas e granizo (SIMEPAR, 2012b). Segundo dados do IAPAR, a média histórica de

Fonte: Geoprocessamento adaptado do ITCG (1986).

localizadas e de curta duração, muitas vezes acompanhadas de vendavais e granizo (SIMEPAR, 2012b). Segundo dados do IAPAR, a média histórica de

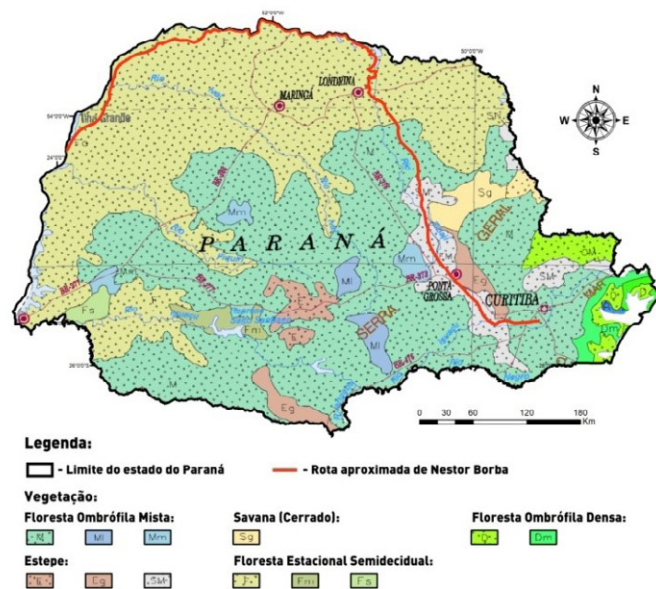


chuvas no mês de janeiro – que é quando a viagem se inicia via rios – é de 140 a 230 mm, com a temperatura variando entre 19,5°C a 29°C (SIMEPAR, 2012a). No relato de Nestor Borba essas características da estação aparecem como um dos motivadores para uma pequena alteração da rota:

No dia 11, em consequencia de grande tormenta de vento e chuva, que não nos deixava navegar, fomos obrigados a subir o curupanã, uma das boccas do Invinheima, que, neste lugar, passa a 300 metros do Paraná, e que tem 40 metros de largo e 5 de fundo, resolvemos descer pelo Ivinheima, que nos offerecia mais commoda viagem (BERBERI; DENIPOTI, 1999, p. 23).

Além do clima, outro fator relevante que constituiu a viagem foram as regiões fito ecológicas pelas quais os irmãos Borba perpassaram. No mapa 2 é possível observar algumas destas regiões, tais como, a Floresta Ombrófila Mista e a Floresta Estacional Semidecidual.

**Mapa 2** - Vegetação do Paraná com a rota aproximada de Nestor Borba



Fonte: Adaptação de IBGE (2018).

A Floresta Ombrófila Mista é exclusiva do Planalto Meridional Brasileiro e tem a *Araucaria angustifolia* (Araucária ou pinheiro-do-paraná) como espécie caracterizadora, sendo possível destacar a *Podocarpus lamberti* (pinheirinho);



*Drimys brasiliensis* (casca – d’anta); *Ilex paraguariensis*, (erva-mate, caúnas e congonhas) e a *Lauraceae nectandra Ocotea porosa* (Imbuia); *Aspidosperma polyneuron* (Peróba). A Floresta Estacional Semidecidual, por sua vez, é caracterizada por gêneros neotropicais como a *Tabebuia* (ipê, pau-d’arco, peúva, ipé e ipeúna); a *Swietenia* e a *Cariniana* (árvore lenhosa, nomeadas popularmente como jequitibás); entre outros.

É necessário salientar que as matas que Borba e os demais viajantes analisados atravessaram, estavam distantes de serem “intocáveis” ou ainda “virgens”. No ano de 1895, o Paraná apresentava uma superfície florestal de 16.782.400 ha (correspondente a 83,43 % da superfície do Estado) e a área desmatada corresponderia aproximadamente a 1,68% (MAACK, 1981). O principal recurso natural explorado no período era a erva-mate, e o próprio Nestor Borba em seu relato aponta que este era o “principal produto do nosso Estado”, lamentando, logo em seguida, que a erva só não era mais explorada “pela grande distância, dos centros consumidores e dificuldade de transporte, por falta de uma via regular de comunicações” (BERBERI; DENIPOTI, 1999, p. 51). Apesar da ênfase na erva-mate, o ciclo da madeira começou a se intensificar em 1888, após a inauguração da ferrovia do Paraná, ligando Curitiba ao Porto de Paranaguá, sendo seu ápice de exploração no início do século XX (GUBERT FILHO, 1993, p. 16).

### O relato da viagem

A escrita é uma ação intencional, mediada por um tempo e espaço, considerando todos os seus aspectos sociais e culturais. No escrito analisado para o presente artigo, a viagem é retomada em um espaço/tempo diferente do qual ela ocorreu. No espaço/tempo do relato estão inclusos a memória do escritor, as exigências editoriais, as expectativas dos leitores, as formas literárias vigentes, o crivo do escritor etc.

A obra feita por Nestor Borba como resultado da viagem foi intitulada *Descrição ao Salto da Guayra ou Sete Quedas pelo Capitão Nestor Borba*. O relato foi publicado no formato de folheto pela Casa Mont’Alverne no Rio de Janeiro em 1897. Ou seja, 22 anos depois da viagem.

Foi acrescentado na edição um prefácio anônimo, assinado apenas como sendo um “amigo do Paraná”, e no fim do relato foram acrescentadas notas e considerações gerais pelo engenheiro André Rebouças.

André Rebouças foi um intelectual abolicionista, primeiro negro formado em



engenharia no Brasil, que ficou famoso por defender projetos de modernização, “entre os quais se incluíam com destaque a abolição da escravidão e a democratização da propriedade fundiária” (MATTOS, 2013, p. 2). Apesar de monarquista, em seus escritos políticos defendia o liberalismo aos moldes estadunidense. Diversos jornais replicavam seus escritos e suas cartas sobre as possibilidades de progresso para as Províncias (MATTOS, 2013).

O tom geral, tanto do prefácio, quanto das notas finais, é de exaltação do território paranaense, da natureza, das suas potencialidades, mas também, demonstrando uma preocupação em ocupar e “civilizar” a região oeste e norte do Estado. Para solucionar essas questões André Rebouças propôs a emigração da:

porção de indígenas, comquanto possa aumentar a população existente, de certo não é suficiente para cultivar e habitar tão extenso território; 2ª, porque a imigração é muito conveniente sob varios pontos de vista, já para aumentar e cruzar a raça e melhora-la no sentido de lhe desenvolver o vigor physico e a capacidade moral e intellectual, já porque os immigrantes trazem o ensino das industrias e cultura de paizes antigamente civilizados (BERBERI; DENIPOTI, 1999, p. 16).

Os escritos inseridos antes e depois do relato objetivavam acrescentar um caráter de veracidade e, ao mesmo tempo, fortalecer um discurso de busca pelo “progresso e civilização”. A valorização do texto literário como forma de propagar debates sobre a ocupação e uso do território está diretamente relacionada com a história da ciência no Brasil.

A ciência em terras brasileiras era, assim como a economia e a política, dependente de Portugal. Os luso-brasileiros letrados eram aqueles que haviam estudado na Europa. Segundo Antonio Cândido, até o início do século XIX, no Brasil não existiam “universidades, nem tipografias, nem periódicos. Além da primária, a instrução se limitava à formação de clérigos e ao nível que hoje chamamos secundário”. Eram poucas as bibliotecas e os teatros, havendo uma significativa dificuldade para a circulação de livros (CANDIDO, 2002, p. 7).

As limitações educacionais, entretanto, não significaram uma ausência de vida literária e científica no Brasil. A partir de meados do século XVIII, estudos feitos por franceses, alemães e ingleses, analisaram o ambiente brasileiro através de um “pragmatismo utilitário”. Além deles, os luso-brasileiros





escreveram obras inspiradas pelo iluminismo, propagados por figuras como Marquês de Pombal, objetivando modernizar o cenário intelectual brasileiro, marcado anteriormente pela tradição clerical.

Não proveio sem razão dos brasileiros o ciclo mais característico do pombalismo literário, cujos pontos culminantes são o *Uraguai*, (1769) de Basílio da Gama, no campo antijesuítico; *O desertor*, (1771) de Silva Avarega, no setor da reforma intelectual; *O reino da Estupidez*, (1785) de Francisco Melo Franco. Essas obras [...] documentam uma atitude que, dentro das limitações apontadas, constituem o eco brasileiro, ou luso-brasileiro, das ideias modernas. (CANDIDO, 2000, p. 64)

O cenário intelectual luso-brasileiro foi alterado, mais significativamente, com a chegada da família real ao Brasil e com a abertura dos portos. Tais eventos ampliaram o horizonte cultural da colônia brasileira, incentivando a formação de um pensamento científico apurado. De acordo com Edivaldo Boaventura, é com a chegada do Príncipe Regente que a educação no Brasil foi reestruturada (BOAVENTURA, 2009, p. 129). Foram criados cursos superiores em áreas como medicina, matemática, cirurgia, agricultura, além de “cursos e academias destinados a formar burocratas para o Estado e especialista nas produções de bens simbólicos” (CUNHA, 1986, p. 67)

Outro aspecto importante na reestruturação educacional no Brasil foi sua estreita ligação com a literatura. De acordo com Fetz, a esfera literária brasileira encontrava-se em condição social mais sólida do que a ciência, e isso teria permitido a literatura ser um meio para a expansão do pensamento e do modo de vida científico e intelectual.

Essa atuação era diferente, portanto, daquela exercida pela mesma literatura no contexto europeu, muito mais próxima da crítica ao pensamento científico do que de sua consolidação. A aproximação entre ciência e literatura no Brasil seria ainda facilitada por um estilo científico singular: a ciência da segunda revolução científica, nas letras e nos pincéis de naturalistas-artistas-viajantes, que unia a razão científica à razão lírica e estética. O resultado desse cenário singular seria a criação de uma “estética científica” da natureza e de um pensamento científico movido pela fruição. (FETZ, 2012, p. 393).



As valorizações do texto literário conjuntamente com a criação, no Rio de Janeiro, do Jardim Botânico e do Museu Real incentivaram um crescimento no número de expedições científicas de viajantes naturalistas europeus pela colônia. Entre os que fizeram tais viagens às terras brasileiras nesse período estavam Wilhelm Ludwig Von Eschwege; Carl Friedrich Philipp Von Martius; Johann Baptiste von Spix; Georg Heinrich; Hermann Burmeister; Peter Wilhelm Lund; Auguste de Saint-Hilaire; Johann Moritz Rugendas; Jean Baptiste Debret; Aimé-Adrien Taunay; Hercule Florence, entre outros.

O resultado da junção do movimento de valorização do texto literário com a maior presença de viajantes no Brasil foi uma estética científica sobre a natureza que valorizava o pensamento movido pela fruição” (FETZ, 2012). Tal estética foi influenciada tanto pelas ideias iluministas, que cercavam os estudos dos naturalistas tradicionais, quanto pelas ideias românticas.

Com a independência do Brasil, em 1822, a elite nacional teve um acesso mais facilitado à educação formal e às ideias de ciência, criando uma estética literária denominada de romances regionalistas (SANTOS, 2010, p. 85). Os romances tinham como objetivo central a afirmação de uma identidade nacional e, unindo-se a estética do movimento romântico, autores como José de Alencar, Afonso Taunay, Franklin Távora e Bernardo Guimarães exaltavam a natureza tropical como objeto e as ideias europeias como instrumento. Segundo Ana Santos, o grande mote dessa produção brasileira era dar uma “cor local” à “natureza pitoresca” do Brasil (SANTOS, 2010, p. 86).

A perspectiva utilitarista da natureza da segunda metade do século XIX serviu de alicerce para as filosofias exploratórias da embrionária modernização que se instaurava no país. Como abordaremos no próximo tópico, no relato de Nestor Borba essas formas literárias serviram tanto para gerar legitimidade ao discurso da viagem, com ênfase na necessidade do “progresso e da civilização”, quanto para dar forma aos sentimentos complexos que surgem na interação do viajante com as matas paranaenses.

### **O ambiente no relato: entre o cientificismo, o romantismo e as experiências**

O termo ambiente é uma construção histórica e social estando sujeito, em diferentes períodos, a interpretações variadas, nas quais os humanos poderiam ou não estar inclusos. Para o presente estudo, abordaremos uma concepção do termo consoante apontado por Tim Ingold, na qual o ambiente seria uma malha



de coisas emaranhadas que costuram a textura do mundo. Quando se refere a “coisas”, Ingold abarca tudo que existe, seja uma mesa ou uma samambaia, um humano ou um pássaro, uma pedra ou uma nuvem se formando no céu. Para ele todas as coisas que constituem o mundo se relacionam, se entrelaçam, formando um ambiente (INGOLD, 2012, p. 27, *et seq.*).

Tal concepção pode também é defendida por Erick Swyngedowns, que argumenta, através do exemplo de um copo d’água, que tudo o que constitui o mundo é uma espécie de *híbrido*, que contem dentro de si a história de uma cidade, dos meios de produção, da cultura, da política pública, dos rios, dos discursos sobre os recursos naturais, etc. Segundo o autor:

Refiro-me ao mundo como um processo histórico-geográfico de perpétuo metabolismo no qual processos ‘sociais’ e ‘naturais’ se combinam num ‘processo de produção de socionatureza’ histórico-geográfico, cujo resultado (natureza histórica) incorpora processos químicos, físicos, sociais, econômicos, políticos, e culturais de maneiras altamente contraditórias porém inseparáveis. Todo corpo e coisa são um *cyborg*, um mediador, parte social e parte natural mas sem fronteiras delineadas, e internalizam as múltiplas relações contraditórias que re-definem, re-trabalham todo corpo e toda coisa (SWYNGEDOUW, 2001, p. 89)

De forma geral, o que ambos os autores apontam é que todas as coisas existentes – da cultura a um pedaço de madeira – estão não apenas interligadas, mas são partes inseparáveis de um todo, e a esse todo é que podemos nomear de ambiente (ou socionatureza).

Frijot Capra denomina essa forma de conceitualização de “pensamento sistêmico”. Para ele, o ambiente pode ser considerado um sistema, ou seja, “um todo integrado cujas propriedades essenciais surgem das relações entre suas partes” (CAPRA, 2003, p. 39). Para compreender o sistema seria necessário pensá-lo em seu contexto e nas redes que conectam seus componentes.

A ideia da vida como sistema pode ser encontrada também na obra “*A árvore do conhecimento – as bases biológicas do conhecimento humano*” (MATURANA; VARELA, 1995). Na mesma, os autores defendem que os seres vivos têm em suas bases biológicas uma organização autopoietica, o que significa, de forma simplificada, que os seres vivos são sistemas que reproduzem continuamente a si mesmos. Porém neste sistema, o que é externo é considerado um agente que





está em direta e contínua relação com os seres, formando um ambiente onde os seres vivos são compreendidos nessa complexa vinculação:

[...] todos os organismos funcionam devido a seu acoplamento estrutural, ou seja, devido à sua interação com o meio, que se caracteriza por uma mudança estrutural contínua (que não cessa enquanto houver vida) e, ao mesmo tempo, pela conservação dessa recíproca relação de transformação entre o organismo (unidade) e o meio, pois a forma como ocorre esse processo depende do meio e do contexto em que se vive. Isso significa que, embora sejamos determinados por uma estrutura biológica, essa determinação estrutural não implica num reducionismo biológico, pois o meio interfere na forma com que iremos interagir com nossas próprias estruturas (ANDRADE, 2012, p. 99).

É partindo do princípio de ambiente na sua amplitude, englobando todos os aspectos da vida humana e não-humana, os quais só podem ser compreendidos de forma relacional, que buscamos analisar como Nestor Borba relata sua experiência com os elementos bióticos e abióticos das matas paranaenses.

Borba, como enunciado nos tópicos anteriores, não foi o primeiro a visitar as porções oeste do Paraná, mas era movido, além das questões políticas já mencionadas, por uma vontade de ver por si mesmo o que até então ele só conhecia pelos relatos de outros viajantes. Em suas palavras:

Não descrevemos uma viagem poética; porque o fim desta excursão não era admirar a natureza, como simples turista, mas sim colher exactos conhecimentos das regiões, que pretendíamos reconhecer, e rasgar, por assim dizer, esse véu misterioso, que, há quasi um século, escondia, com versões espantosas, uma das mais bellas maravilhas da natureza (BERBERI; DENIPOTI, 1999, p. 21).

A vontade de “colher exatos conhecimentos” pode ser compreendida à luz das literaturas científicas e utilitaristas, nas quais era considerado imprescindível organizar e catalogar todos os espaços não-humanos, assim como, da necessidade que a elite política paranaense tinha de pensar os usos dos chamados “sertões”. Mas para além dessas questões, o trecho demonstra um desejo de Borba de vivenciar pessoalmente lugares dos quais ouvira e lera histórias.



A vontade de “ver com os próprios olhos” pode ser compreendida através da tese levantada por Tuan, segundo o qual, há na sociedade uma valorização da experiência humana. De acordo com o autor, existe um pressuposto cultural de que acumular vivências é acumular conhecimento e, portanto, para alguém ser considerado experiente em algo, é necessário que tenha experimentado uma variedade de situações. Segundo o autor:

Experenciar é vencer perigos. A palavra experiência provém da mesma raiz latina (per) de “experimento”, “esperto” e “perigoso”. Para experenciar no sentido ativo, é necessário aventurar-se no desconhecido e experimentar o ilusório e o incerto (TUAN, 1983, p. 16).

A busca pelo novo, pelo perigoso e pela experimentação é ponto comum em diversos relatos de viagens desde o século XV. Segundo Rundvalt, era papel deste gênero comunicar um saber na mesma medida que contava uma aventura, mantendo assim uma função didática e de entretenimento (RUNDVALT, 2016, p. 46). De forma geral, a vontade de “estar lá” de Nestor Borba demonstra que, apesar dos estudos anteriores, ele concebia que explorando as matas, medindo por si os relevos, tirando suas próprias anotações sobre os rios, vendo, tocando, conseguiria reconhecer e apreender aqueles espaços de uma forma diferenciada.

Um exemplo dessa concepção da experiência física como algo que gera um apreender diferente denota-se, quando após ter iniciado o trajeto via rios, Nestor Borba disserta:

No dia 10, às 4 ½ da manhã, não era bem claro ainda, indo nós na tolda da canoa, ouvimos o proeiro dizer, com muito respeito - *Bom dia Paraná*. Entramos nas águas do magestoso rio. O medo, que os camaradas tinham de navegá-lo, manifestou-se claramente no cumprimento respeitoso que lhe dirigiu o proeiro, naturalmente em nome de toda a tripulação. Atravessamos o Paraná para a margem direita por ser nossa intenção descer por ella, reconhecendo sua costa e subir pela outra, não obstante ter sido ella explorada e estudada, até a bocca do Ivinheima por commissões scientificas, as quaes não fazem casos de pequenas cousas, porque veem tudo por um óculo (BORBA apud BERBERI; DENIPOTI, 1999, p. 23).



Apesar das comissões anteriores, o autor considera que “pequenas coisas” deveriam ter passado despercebidas e, portanto, fazia-se necessário que ele mesmo verificasse. Justificando assim para o leitor tanto a necessidade de sua viagem, quanto dos motivos de suas curiosidades.

Antes da viagem feita por Borba em 1876, no período da Guerra do Paraguai (1864-1867), o governo imperial havia recrutado diversas expedições para o estudo e reconhecimento dos rios paranaenses. Em 1847 os sertanistas Lopes e Elliot fizeram um pequeno roteiro em busca de caminhos para o Mato Grosso através dos rios Tibagi e Ivaí. Em 1866 os engenheiros alemães José e Francisco Keller foram recrutados para fazer um levantamento técnico da navegabilidade dos rios, perpassando pelos rios Ivaí, Paraná, Paranapanema e Tibagi. Um exemplo do interesse nesses estudos é a nota, publicada por André Rebouças em 1876:

Possui a Província do Paraná um admirável sistema hidrográfico. Considerado sob o ponto de vista geral das comunicações internacionais, este sistema hidrográfico dá a essa Província dois litorais: - Um sobre o Oceano Atlântico, outro sobre o Rio Paraná. O litoral atlântico é a estação inicial da grande estrada livre - Mare Liberum - que conduz à Europa, aos Estados Unidos e às cinco partes do mundo. O litoral do Rio Paraná é a estação central de vias de comunicações internas de uma bacia fluvial, que, na América do Sul, rivaliza em grandeza e importância, com a do prodigioso Amazonas. [...] Ao sul da primorosa maravilha da América do Sul, é o próprio Rio Paraná que leva às mais ricas regiões das Republicas do Paraguai, Argentina e do Uruguai, até lançar-se no Oceano com o nome de Rio da Prata. Nesta região da América do Sul, o Paraná reina sem competidor (REBOUÇAS, 1876, p. 3).

Como aponta Rebouças, na última metade do século XIX acreditava-se que o Rio Paraná poderia servir como meio de ligação dos portos e da capital com os campos do oeste e com os países vizinhos. De acordo com Arruda, “Os rios apareciam nas primeiras décadas da província como uma grande possibilidade para facilitar a penetração ao interior do território e estabelecer rotas de comunicação com a vizinha província do Mato Grosso” (ARRUDA, 2008, p. 159). Ainda segundo o autor, a necessidade de estabelecer os vãos possíveis e construir pontes era uma constante nas mensagens e relatórios do governo,



pois o principal objetivo era transformá-los em “caminhos que andam”.

A própria viagem de Borba visava verificar a possibilidade de ligação entre Paraná e Mato Grosso através de uma ponte sob as Sete Quedas. As pontes são “objetos técnicos que permitem aos homens superarem ou transformarem os limites impostos pelo meio natural, ‘tecnologias’ criadas para a apropriação do natural” (ARRUDA, 2008. p. 159) e, nesse sentido, o rio Paraná representava tanto um obstáculo às relações externas da Província, devendo, portanto, ser ultrapassado, quanto uma possibilidade de conexão interna mais rápida e barata. Em ambos os casos o que prevalece é o uso do rio como recurso, para suprir as dificuldades de comunicação.

No relato citado, Nestor Borba menciona também o respeito e o medo dirigido ao ato de navegar pelo Rio Paraná. Segundo Tuan, o medo é um sentimento complexo, subjetivo, e comum a vários “animais superiores”, sendo possível distinguir neste sentimento dois componentes principais: o sinal de alarme e a ansiedade. O sinal de alarme é motivado por um evento inesperado e impeditivo no ambiente, diante do qual há uma resposta instintiva do corpo em enfrentar ou fugir. A ansiedade, por sua vez, é uma forma mais difusa do medo, que surge diante da habilidade de antecipação, e “comumente acontece quando um animal está em um ambiente estranho e desorientador, longe do seu território” (TUAN, 2005, p. 3).

O medo, no que lhe concerne como um aspecto da vida humana é o resultado de construções socioculturais e experiências físicas em um espaço potencialmente nocivo. Esses lugares são chamados por Tuan de “paisagens do medo” e, segundo o autor, são espaços quase infinitos, onde existem representações do caos, seja ele humano ou não (TUAN, 2005). “Os contos de fadas infantis, as lendas dos adultos, os mitos cosmológicos, os sistemas filosóficos, as casas, as cidades, a cerca no jardim” (SOARES, 2007, p. 111), são todas fronteiras criadas pelos humanos para manter as ameaças afastadas, sejam elas os cachorros dos vizinhos, as crianças de sapatos sujos, o vento, a chuva, o mato, os lobos, os estranhos ou as doenças (TUAN, 2005, p. 30).

Para compreender o medo e o respeito relatado por Borba é necessário explanar tanto os aspectos hidrológicos do rio Paraná, quanto o meio de transporte utilizado, e, também, os discursos pré-existentes sobre este rio, pois, como aponta Swyngedouw, “a circulação de água produz uma geografia física e uma paisagem material, mas também uma paisagem simbólica e cultural de poder” (SWYNGEDOUW, 2001, p. 98).

O Rio Paraná, com um total 3.998 km, é o segundo maior rio em extensão



da América do Sul, e o décimo do mundo em vazão, contando com um fluxo de águas de 17.290 m<sup>3</sup>/s. É na confluência com o Rio Paranapanema que o Rio Paraná começa a banhar o território homônimo. A sua largura média em território paranaense é de 7 km e a profundidade média é de 22,5 metros (RIO PARANÁ, 2018).

De acordo Túlio Vargas, no levantamento que realizou sobre a vida e as viagens de Telemâco Borba, no trajeto feito com Nestor, eles navegaram em duas canoas. A primeira, feita de tronco de peroba, media dezesseis metros de comprimento e um metro de largura, e a segunda, feita de cedro, tinha dez metros de comprimento e setenta centímetros de largura. Teriam sido levados nas embarcações, além de alimentos, arpão, linhas, anzóis, baús, cartuchos, pólvoras, chumbo, espoletas, facas e espingardas (VARGAS, 2001, p. 85-86).

Diante de tais dados, pode-se inferir o respeito e o medo dos navegantes como uma forma de compreensão da dimensão física do rio Paraná, principalmente se utilizarmos como base comparativa o tamanho das embarcações. Somado ao fluxo intenso das águas, torna-se tangível o surgir do medo, como o citado por Tuan (2005), pautado em uma ansiedade, por antever possíveis problemas ou instabilidades neste rio reconhecidamente turbulento. Ademais, pode-se concluir que o respeito ao “majestoso” rio advinha também dos variados discursos políticos e econômicos que, como mencionado, o colocavam como meio para a expansão e o progresso da nova Província. Um meio que, se por um lado, inspirava respeito e medo, por outro, deveria ser estudado, medido, traçado e dominado pelos homens, através da técnica e da ciência.

No prosseguimento da viagem, o próprio Nestor Borba divaga sobre quais seriam os limites da dominação e da civilização humana sobre o ambiente não-humano:

Transcreveremos para aqui o que a respeito escrevemos na nossa carteira de apontamentos [...].Logo que cheguei ao Itaquarahy, onde pretendia almoçar, entrei no mato levando espingarda para caçar mutuns, que havia em abundancia; a poucos passos encontrei as ruínas de uma povoação, conhecem-se estas pelos montes de terra, regularmente alinhados; que com dificuldade se veem, porque nos lugares onde foram povoações, a floresta é tão espessa, como em outra qualquer parte; em nenhuma das ruínas encontradas nas costas do Paraná e de seus afluentes, que faziam parte da província de Guayra, se viu ainda vestigio algum



de construção de pedra e cal; seus edifícios (sic.), ou eram de páo a pique barreado, ou de taipa.

Tomei vereda pelo alinhamento de uma rua, passei para outra a ver se encontrava alguma cousa, e depois (sic.) de muito fatigado, sentei-me em um grande monte de terra, onde certamente foi um edificio importante, e fiz comigo mesmo a seguinte reflexão: - Será possível que lugares onde houve povoações importantes; e que floresceram o commercio, a lavoura e a civilização, que possuíam vias de comunicação terrestres e fluviais, seja habitadas por selvagens (sic.) e feras, e inteiramente desconhecidas? (BERBERI; DENIPOTI, 1999, p. 17).

O local encontrado por Borba eram as ruínas da Ciudad Real Del Guayrá, instalação dos jesuítas espanhóis no século XVII, espaço que atualmente faz parte do complexo do Parque Nacional de Ilha Grande (PNIG). A região é marcada, como menciona Borba, por uma densa cobertura vegetal, sendo caracterizada como uma zona de Floresta Estacional Semidecidual (SVOLENSK, 2008, p. 45). Neste tipo de floresta há uma predominância de árvores caducifólias<sup>8</sup> e com copas grandes, como palmeira, cedro, ingá, ipê, embaúva etc. Quanto à fauna, a região mantém grandes populações de animais que têm como *habitat* principal áreas de várzeas, ressaltando-se o cervo-do-pantanal, capivara, anta, jacaré-de-papo-amarelo, suçuaranas, onça-pintada e outros mamíferos, tais como, cateto, cachorro-do-mato, entre outros (SVOLENSK, 2008, p. 45).

O mutum caçado por Borba é uma ave pertencente à família *Cracidae* e inclui os gêneros *Crax* e *Mitu*. O grupo habita, sobretudo, as zonas tropicais e subtropicais da América do Sul, América Central e América do Norte até o México (FAMÍLIA..., 2018).

A reflexão proposta por Nestor Borba sobre a possibilidade de um espaço antes dominado pelos “civilizados”, aos moldes modernos, retornar a ser ocupado pelos ditos “selvagens”, pelas feras e desconhecidos, reflete um dilema cultural que abrangia diversos setores intelectuais e políticos brasileiros no final do século XIX e início do XX.

O dilema era pautado em duas formas de abordagens e de entendimento do próprio ambiente. De acordo com Murari, a primeira voltou-se para o futuro, buscando na técnica e na ciência os instrumentos para a atualização da sociedade (MURARI, 2002, p. 25). Francisco Hardman, denomina essa abordagem de *eufórico-diurno-iluminista* (HARDMAN, 1992), caracterizada





como uma “utopia futurista da regeneração da sociedade por intermédio da ciência” (MURARI, 2002, p. 25). A segunda, chamada de *melancólica-noturno-romântica* (HARDMAN, 1992), indagava o passado colonizador, buscando nele tanto a identidade nacional, quanto os problemas fundamentais da formação brasileira. Ou seja, havia uma tendência literária e política, de olhar para o passado buscando memórias e símbolos para a construção de uma identidade, e de ver na ciência um futuro, para a dominação e progresso.

Além disso, como aponta Keith Thomas, “a civilização humana era uma expressão virtualmente sinônima de conquista da natureza” (THOMAS, 2010, p. 31), e neste sentido, compreende-se a surpresa de Borba ao se deparar com um espaço onde tal lógica é subvertida. Enquanto ele, assim como tantos outros viajantes e intelectuais, buscava levar através da ciência a expansão das “cidades civilizadas” para os “sertões selvagens”, havia um local onde as matas e animais não-humanos, apesar dos “símbolos de progresso”, voltaram a dominar.

As criaturas citadas como “selvagens e feras” eram aquelas julgadas como despossuídas de razão e do raciocínio lógico, sem civilidade e incapazes de domar a si mesmas e seus instintos. Nessa classificação, estavam inclusos todos os tipos de vida não-humana, mas também determinados grupos de pessoas. Segundo Gibbon, “o ser humano bruto, sem artes e sem lei, mal pode ser distinguido do restante da criação animal” (THOMAS, 2010, p. 17). Ou seja, a falta de “modos”, do acesso ao mundo da cultura, da educação, etc., foram utilizados como justificativa para o processo de dominação e de divisão do mundo entre os sujeitos racionais e “selvagens”, quase animais, que deveriam ser domados e domesticados. Exemplos da subjugação e dominação são os indígenas, os negros, as mulheres, os pobres, os não-letrados, ou qualquer “outro” que não seguisse os padrões esperados. Fugindo do mínimo do que os europeus consideravam civilidade, o sujeito era compreendido como mais próximo ao mundo animal do que do mundo compreendido como racional e, “uma vez percebidas como bestas, as pessoas eram passíveis de serem tratadas como tais” (THOMAS, 2010, p. 60).

Borba trata da visão do “homem rude e naturalmente insensível” ao chegar aos Saltos de Guairá. Contrapondo em seguida com suas próprias experiências, enquanto “homem civilizado”:

A primeira impressão, que sente-se ao contemplá-lo, é de espanto! Um camarada que nos acompanhava, homem rude e





naturalmente insensível no admirar a natureza, depois de haver por alguns instantes, de bocca aberta, contemplado o quadro que tinha diante de si, disse com um gesto, que lhe é familiar, e que exprime a maior admiração: - Eh! Pucha... diabo! [...] O resto desse dia e dos dias 17, 18 e 19 passamos levantando a planta do Salto, e tirando suas vistas, não podendo tomar todas, que desejávamos, pela difficuldade de colocar a machina em posição favorável devido a formação do terreno. Agora vamos ver se podemos descrever o que encerra de bellezaaquelle salto. O rio precipita suas aguas com fúria indomável pelo canal grande; pelos outros menores despenham-se as torrentes com furia igual, aos (sic.) chocares se formam redemoinho enorme produzindo um estrondo medonho; nessa luta horrivel elevam-se columnas d'agua á uma altura extraordinaria, desfazendo-se em aguaceiro de uma belleza fascinante; não só pelas côres do arco-iris, que tem geralmente, como pelo effeito do sol, que reflectindo sobre as aguas, que se espalham no ar, faz de suas gottas uma chuva de brilhantes. O homem encara, com respeito assombroso, aquelle prodigio da natureza (BERBERI; DENIPOTI, 1999, p. 19-20).

No início da narrativa, Nestor Borba afirmava que não pretendia descrever uma viagem poética, visto que sua intenção era a de estudar os locais e não admirá-los. Porém, mesmo continuando as medições e descrições, ao chegar às quedas, os usos de adjetivos no texto se multiplicam. Para compreender a admiração suscitada pelos Saltos de Guairá (também chamados de Salto de Sete Quedas e Sete Quedas do Rio Paraná), é necessário salientar primeiro que elas eram<sup>9</sup> as maiores cachoeiras do mundo em volume de água, com cerca de 13.300 m<sup>3</sup>/s. Eram formadas por sete quedas principais e por dezenove secundárias, e tinham a altura média de 114m.

Ao descrever o que seria o auge de sua viagem, Borba explicita não apenas possibilidades de desenvolvimento para a Província, mas também sua singular percepção do tamanho das quedas, da velocidade das águas, das cores, dos sons. Uma percepção que é mediada pela experiência, pelos sentidos humanos, pelas possibilidades e limitações que o corpo e a mente oferecem. Tal dinâmica entre corpos e lugares pode até parecer, como sugere Casey, “demasiado evidente”, porém, “este fato não é inocente e nem trivial” (CASEY, 1993, p. 239).

O corpo próprio é um modo de ver e sentir o mundo, é a forma



pela qual um sujeito vem a conhecer e a expressar essas imagens e impressões [...]. Ele nos permite saber o que espaços, lugares e paisagens são porque é o agente autoral desses. A partir do corpo, nós aprendemos o que é perto, o que é longe, aquilo está em cima, aquilo está embaixo. (TILLEY, 2014 p. 25).

Evidenciar corpos em lugares não implica desconsiderar a cultura em detrimento da corporeidade, ou ainda, de elevar a experiência por si como única forma possível de análise, mas uma tentativa de ressaltar que as viagens foram feitas e escritas por pessoas. Seres humanos que têm limites de altura, de campo de visão, de alcance da audição, que sentem medo, que contemplam, que produzem cultura, que vivem e se organizam em sociedade, que têm ambições, categorias de poder, de status, etc. Em suma, é uma tentativa de evidenciar algo que se encontra nas premissas da história ambiental, que eventos do passado ocorreram em um espaço complexo, em que os humanos eram animais constituintes, e não exclusivos, de um ambiente vasto. Como pontua Carvalho, Laverdi e Pádua:

Somos mamíferos, somos primatas. Fazemos parte da história da vida no planeta. Mas, ao mesmo tempo, também somos inseparáveis do mundo da cultura, do mundo da linguagem, da consciência auto-reflexiva, do mundo do pensamento, da ação significativa. A nossa ação sempre é cultural, sempre é significativa, mas também é sempre biológica. É o fio da navalha teórico onde podemos construir uma nova perspectiva dentro da tradicional reflexão história e natureza (CARVALHO; LAVERDI; PÁDUA, 2014, p. 466).

No caso de Nestor Borba, é decorrente de uma experiência física que ele cria um relato, uma literatura pública. Na descrição estão inclusos os projetos políticos, a busca pelo progresso e o desenvolvimento das ciências. Permeia também a estética literária romântica, a fim de entreter o público leitor, tal qual era comum em escritos do mesmo período. Teme os rios, as águas turbulentas, os obstáculos que, em certa medida, serviam para atribuir discursivamente coragem aos que lhes enfrentaram, e uma justificativa à dominação do mundo biofísico. Ademais, também exaltava a beleza das matas e outras qualidades que poderiam ser utilizadas para a almejada expansão da Província do Paraná pela região oeste.



## Considerações finais

O presente artigo buscou compreender de que forma um viajante da elite paranaense, experienciou e narrou, seus engendramentos com partes das matas locais no final do século XIX e início do século XX. Analisar as descrições de sensações físicas e emocionais de viajantes com outras espécies biológicas e as características geofísicas do espaço, mostrou-se um desafio historiográfico, visto que é estreita a linha que separa o olhar sensível para com o passado, do olhar romântico ou positivista.

No caso do ex-combatente da Guerra do Paraguai, Capitão Nestor Borba, o relato de tal experiência foi produzido e publicado 1897, 22 anos depois da viagem em si, e nele estavam inclusos projetos políticos, a busca pelo progresso e o desenvolver das ciências. A escrita versava com a estética literária romântica, sendo mediada por sua experiência física singular e os interesses econômicos em voga que visavam à dominação dos “sertões” e a “domesticação do mundo não-civilizado”. No texto, o autor expressou sentimentos e sentidos variados, que iam desde o temor pelas águas turbulentas do Rio Paraná, até a exaltação das belezas das matas, e da “fúria das águas do Guairá”, que poderiam ser utilizadas para a almejada expansão da província pela região oeste.

Por fim, podemos concluir que lançar o olhar sobre os sentimentos e percepções complexas presentes na fonte é encarar o que Solnit define como as “noites da História”, é desafiar a recorrente “tirania do quantificável” (SOLNIT, 2017, p. 72), que na vida econômica, social e acadêmica, tem dado precedência ao que pode ser medido e relegando o que não é mensurável, e que surge em geral “da incapacidade da linguagem e do discurso de descrever fenômenos mais complexos, sutis e fluidos” (SOLNIT, 2017, p. 72). Em suma, demonstrar por meio das nossas pesquisas que fatos no passado foram vivenciados por pessoas, possuidoras de corporeidade e sentimentos tanto quanto de cultura, de dubiedades, múltiplos interesses e vivências pessoais é papel de uma história que se quer cada vez mais aberta e plural.

## Referências

ANDRADE, Claudia Castro. A fenomenologia da percepção a partir da autopoiesis de Humberto Maturana e Francisco Varela. *Revista de Filosofia*, Bahia, v. 6, n. 2, p. 98 - 121, 2012.

ARRUDA, Gilmar. Rios e governos no estado do Paraná: pontes, “força hidráulica”



e a era das barragens (1853-1940). *Varia história*, Belo Horizonte, v. 24, n. 39, p. 153-175, 2008.

BELO, Camila Nehring. *ITAIPU: Marcos da construção da usina nas páginas do Jornal Clarín (1973 – 1979)*. 2011. 145 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2011.

BERBERI, Elizabete; DENIPOTI, Claudio. *Monumenta: relatos de viagem a Guairá e Foz do Iguaçu (1870 – 1920)*. Curitiba: Aos quatro ventos, 1999.

BOAVENTURA, Edivaldo. *A construção da universidade baiana: objetivos, missões e afrodescendência*. Salvador: EDUFBA, 2009.

BUFFON Georges Louis Leclerc. *Uol Educação*, São Paulo, 4 set. 2009. Biografias. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/biografias/buffon-georges-louis-leclerc.htm>. Acesso em: 12 abr. 2020.

CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 9. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000. (Coleção Reconquista do Brasil, v. 177-178.).

CANDIDO, Antônio. *O romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2002.

CAPRA, Frijot. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

CARDOSO, Jayme Antonio; WESTPHALEN, Cecília Maria. *Atlas histórico do Paraná*. Curitiba: Chain Editora, 1986.

CARVALHO, Alessandra Izabel de; LAVERDI, Robson; PÁDUA, José Augusto. A dimensão ambiental do conhecimento histórico: entrevista com José Augusto Pádua. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 19, n. 2, p. 457-484, 2014.

CASEY, Edward. *Getting back into place*. Bloomington: Universidade de Indiana, 1993.

CRUZETTA, Fernanda Carolina. *Rememorações da cidade de Curitiba: visões de progresso nas décadas iniciais do século XX*. Curitiba: UFPR, 2010.

CUNHA, Luiz Antônio. *A universidade temporã*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

DEZENOVE DE DEZEMBRO, Curitiba, n. 1689, 8 mar. 1876.



FAMILIA Cracidae. *Photo Aves*, [S. l.], 2018. Disponível em: <http://www.photoaves.com/cracidae>. Acesso em: 1 jun. 2018.

FETZ, Marcelo. *Entre razão e fruição: formação e presença da Segunda Revolução Científica no Brasil (XVIII e XIX)*. 2012. Tese (Doutorado em sociologia) -Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

GUBERT FILHO, Francisco. O desflorestamento do estado do Paraná em um século. *In: CONFERENCIA DO MERCOSUL SOBRE MEIO AMBIENTE E ASPECTOS TRANSFRONTEIRIÇOS*, 1993, Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba: Instituto Ambiental do Paraná, 1993.

HARDMAN, Francisco Foot. Antigos modernistas. *In: NOVAES, A. (org.) Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura, 1992. p. 289-395.

IBGE. *Mapa de vegetação do Brasil*. Rio de Janeiro. IBGE, 2018. Disponível em: <https://mapas.ibge.gov.br/tematicos/vegetacao>. Acesso em: 18 jan. 2018.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizonte antropológico*, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

ITCG - INSTITUTO DE TERRAS, CARTOGRAFIA E GEOLOGIA DO PARANÁ. *Mapa do Estado do Paraná*. Curitiba: ITCG, 1896. Disponível em: <http://www.itcg.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=16>. Acesso em: 10 out. 2017.

MAACK, Reinhard. *Geografia física do Estado do Paraná*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora J. Olympio, 1981.

MATTOS, Hebe. André Rebouças e o pós-abolição: entre a África e o Brasil. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 27., 2013, Natal. *Anais [...]*. Natal: ANPUH, 2013.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do conhecimento humano*. Campinas: Psy, 1995.

MILECH NETO, Dário. *Um ilustrado na fronteira da alteridade: Félix de Azara e a questão do outro*. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.



MISKIW, Antonio Marcos. *A fronteira como destino de viagem: a colônia militar de Foz do Iguaçu (1888/1907)*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2009.

MURARI, Luciana. *Tudo o mais é paisagem: representações da natureza na cultura brasileira*. 2002. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

PÁDUA, José Augusto. Defensores da Mata Atlântica no Brasil colônia. *Revista Nossa História*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 6, p. 14-20, 2004.

REBOUÇAS, André. [Sem título]. *Jornal Dezenove de Dezembro*, Curitiba, ano 23, n. 1714, jun. 1876.

RIO PARANÁ. 2018. Disponível em: <http://riosvivos.org.br/a/Canal/Rio+Parana/541>. Acesso em: 2 out. 2018.

RUNDVALT, Dárcio. *Para além do cenário, do palco ou do pitoresco: a paisagem dos Campos Gerais no Paraná nos relatos de viagem do século XIX — Auguste de Saint-Hilaire, Thomas P. Bigg Wither e Visconde de Taunay*. 2016. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016.

SANTOS, Ana Carolina Vila Ramos. A natureza dos românticos brasileiros: uma leitura da sociologia ambiental. *Perspectivas*, São Paulo, v. 38, p. 75-92, 2010.

SECARIOLO, Fabiana Marreto. *O espaço paranaense em relatos de viajantes: fronteira, território e ocupação, 1870-1900*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2010.

SIMEPAR - SISTEMA DE TECNOLOGIA E MONITORAMENTO AMBIENTAL DO PARANÁ. *Previsão Climática para o verão 2012*. Curitiba: Simepar, 2012b. Disponível em: [http://www.simepar.br/site/internas/conteudo/meteorologia/clima\\_estacoes/arquivos/verao2012.pdf](http://www.simepar.br/site/internas/conteudo/meteorologia/clima_estacoes/arquivos/verao2012.pdf). Acesso em: 10 nov.2017.

SIMEPAR - SISTEMA DE TECNOLOGIA E MONITORAMENTO AMBIENTAL DO PARANÁ. Dados da Rede Agroclimatológica do IAPAR. Curitiba: Simepar, 2012a. [http://www.simepar.br/site/internas/conteudo/meteorologia/clima\\_estacoes/arquivos/verao2012.pdf](http://www.simepar.br/site/internas/conteudo/meteorologia/clima_estacoes/arquivos/verao2012.pdf). Acesso em: 10 nov.2017.

SOARES, Maria Lucia do Amorim. Paisagens do medo. *Revista de Estudos Universitários*, Sorocaba, v. 33, n. 1, p. 111-112, 2007.





- SOLNIT, Rebecca. *Os homens explicam tudo para mim*. São Paulo: Cultrix, 2017.
- SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SVOLENSK, Augusto Cesar (org). *Plano de manejo para o Parque Nacional de Ilha Grande*. Curitiba: Ministério do Meio Ambiente, 2008.
- SWYNGEDOUW, Erik. A cidade como um híbrido: natureza, sociedade e urbanização-cyborg. In: ACSELRAD, H. *A duração das cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas*. Rio de Janeiro: D, P & A, 2001. p. 83 - 105.
- THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 - 1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. *Revista Vestígios*, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 23 -62, 2014.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.
- TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do medo*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.
- VANALI, Ana Christina. O pajé do Tibagi: Telêmaco Borba e sua contribuição à etnografia paranaense. *Revista NEP*, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 275-302, 2015.
- VARGAS, Túlio. *O maragato: a vida lendária de Telêmaco Borba*. Curitiba: Editora Juruá, 2001.

## Notas

- <sup>1</sup>Licenciada e Mestre em história pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.
- <sup>2</sup>Doutora em História pela UNICAMP. Professora do Programa de Pós-Graduação em História da UEPG.
- <sup>3</sup>Existem duas narrativas publicadas sobre esta viagem, uma de autoria de Nestor e outra de Telêmaco (BORBA, T. (1908). *Actualidade indígena no Paraná*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1954). Neste artigo, optou-se por trabalhar apenas com o texto de Nestor Borba (BERBERI; DENIPOTI, 1999).
- <sup>4</sup>Surgiram no século XVI alguns relatos sobre esses locais, tais como a do espanhol Aleixo Garcia, um dos primeiros europeus a realizar uma viagem pelo interior do atual sul do Brasil. O objetivo desta viagem foi o de descobrir terras onde fosse possível explorar ouro e demais metais preciosos. Depois dele, viajantes como Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, Domingos Martínez de Irala, Diego de Sanabria e Hernando Salazar realizaram expedições pelo território. Durante os séculos XVII e XVIII, o espaço foi marcado pela chegada de bandeirantes paulistas, principalmente na região do Guairá, local próximo às Sete Quedas e, pela presença de europeus, que buscavam desbravar





os “sertões” e construir fama. Antonio Cardoso e Cecília Maria Westphalen apontam as diversas expedições realizadas por Afonso Botelho no período, também motivadas pela vontade de explorar os lugares considerados até então desconhecidos(CARDOSO; WESTPHALEN, 1986).

<sup>5</sup>Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-1788), foi um naturalista francês que se debruçou no estudo sobre a criação da Terra, assim como, da fauna e flora. Precursor de Lamarck e de Darwin defendia que o ambiente influenciava na degeneração das espécies e que a Terra possuía cerca de 70.000 anos, o que destoava do que se propagava no período, que era cerca de 7.000 anos. (BUFFON..., 2009)

<sup>6</sup>Instrumento que serve para medir ângulos em terrenos e traçar perpendiculares.

<sup>7</sup>O mapa foi modificado pelas autoras, sendo georreferenciado com o uso do software ArcMap 10.2.2 para a obtenção mais precisa das localizações. A sua escolha se deu porque traz uma base cartográfica mais correlata àquela disponível no momento que Borba viajava, contribuindo com as nomenclaturas e traçados de cidades, vilas e rios, mais aproximados do que era conhecido no período.

<sup>8</sup>Espécies que em determinadas épocas do ano – em geral no outono e inverno – perdem suas folhas.

<sup>9</sup>Usa-se o verbo no passado devido ao fato desses saltos terem sido inundados em 1982 para a construção da hidrelétrica de Itaipu. Com a criação da represa as quedas ficaram submersas. cf. Belo (2011).